

# A mulher liberada é feliz no casamento?

ARLENE SILBERMAN

Os tradicionais papéis de marido e mulher estão-se transformando, sofrendo conflitos e tensões. Todavia, isso não conduz necessariamente ao divórcio

**O**s números impessoais obtidos pelas estatísticas do censo de repente fizeram sentido. Uma coisa é saber que a percentagem de divórcios está aumentando rápido, outra muito diferente é descobrir que três dos sete casais que meu marido e eu conhecemos há mais tempo estão com seu casamento em perigo.

Bea e Marty Davis\* celebraram seu 23.º aniversário de casamento consultando um conselheiro matrimonial. A filha deles está casada, seus filhos freqüentam a faculdade e Bea vai procurando seu próprio lugar ao sol. «Ando tão ocupada servindo aos outros que perdi minha identidade pelo caminho», diz Bea suavemente. Ela receia não ser

capaz de reencontrá-la – e continuar casada. «Vejam o que aconteceu aos Smiths», exemplifica ela.

Claire e Austin Smith separaram-se. Sua infelicidade veio à tona quando o candidato político que Claire apoiava a convidou a aceitar um emprégo remunerado em sua equipe. Austin opôs-se. «Tudo que você quer eu lhe dou», objetou ele.

«Quero sentir-me realizada pessoalmente», tentou explicar Claire. Aceitou o emprego e seu casamento fracassou. Austin sentia que a primeira obrigação de Claire era para com ele, enquanto ela acreditava ter igual obrigação para consigo mesma.

Ao contrário, Jane, irmã de Claire, começa muitas de suas conversas com «o Howard diz». Pelo menos fazia-o até que recentemente algo a

---

\* Os nomes usados são fictícios.



levou a tirar um curso. O apelido favorito de Howard para ela é «Baby». Pelo menos — antes de Jane tirar o curso e a frieza se instalar entre elas. Jane agora já não ouve tantas vezes o seu apelido.

«Gosto de ser dona-de-casa», diz ela, «mas não gosto de sentir que Howard tem dois filhos maduros e uma mulher imatura. Tenho de começar a raciocinar independentemente.»

Hoje, um número cada vez maior de pessoas interroga-se sobre se uma mulher pode «emancipar-se» e continuar casada. A minha mãe, por exemplo, atribui a epidemia de casamentos desfeitos ao que ela chama «movimento de libertação da mulher». Ela e meu pai estão casados há mais de 54 anos, e sua grande felicidade ainda é cuidar dele. «Tudo o mais seria egoísmo», afirma ela. «Não entendo toda essa conversa de 'identidade'.»

Eu entendo. Sinto-me solidária com qualquer mulher em busca do seu «eu», porque também me esforço no mesmo sentido — e continuo casada e feliz. Também me solidarizo com os maridos que vão para o casamento segundo as regras preestabelecidas e descobrem no meio do jogo que as velhas normas já não vigoram.

Como costumam ser precisas essas tais regras! A eles cabia decidir, enquanto a nós, acatar as resoluções. Eles eram supostamente os executores, e nós as seguidoras.

Pouco admira que casamentos iniciados sob tais circunstâncias ve-

nham sofrendo pressões à medida que as mulheres começam a pôr em movimento suas forças econômicas, políticas e intelectuais antes inativas. No entanto, penso haver lugar bastante num casamento para duas pessoas adultas.

Meus amigos Jack e Eileen são um caso assim. Diz Jack: «Eileen costumava depender de mim; eu era seu boletim meteorológico, seu pastor numa congregação de quatro pessoas. De repente tudo mudou. No começo, senti-me terrivelmente atraído; perguntava-me e voltava a perguntar-me: «Que aconteceu à terna garota com quem casei? A resposta era simples. Ela cresceu e tornou-se mulher. Eu cresci também, se bem que não fosse tão simples.» Tanto Jack como Eileen estão convencidos de que seu casamento está agora melhor que nunca.

Crescer implica freqüentemente ter dores de crescimento. Isso não significa, no entanto, que os sofrimentos tenham de separar as pessoas. Quando o casamento amadurece também, como no caso de Eileen e Jack, maridos e mulheres podem gozar de maior intimidade.

Ruth Winkelstein, conselheira matrimonial há 17 anos, conheceu tantas mulheres dependentes que diz, em parte fazendo blague: «Gostaria de mandar promulgar uma lei exigindo que todos os que quisessem casar passassem, pelo menos um ano antes do seu casamento, a viver suas próprias vidas. No decorrer desse ano, pelo fato de man-



ter-se assim e fazer face com independência aos problemas», explica, «uma pessoa tem uma razoável chance de encontrar sua própria força e sua identidade.»

Minha experiência convenceu-me de que, entregando seu amor e oferecendo seus pensamentos, e empenhando seu esforço, um homem e uma mulher podem emancipar-se, continuando casados e felizes. Conheci Mary Wills quando estive no hospital. Seu marido, Dan, cumprimentava-a todas as manhãs dizendo: «Como é que você está hoje, meu lindo ganha-pão?» Era difícil acreditar que ele se opusera violentamente a que Mary trabalhasse fora de casa. Por fim, tinha desistido, porque seu salário todo mês não dava para pagar as contas. Depois que obteve uma promoção, ele tentou fazer que Mary deixasse o emprego. «Ele disse que eu não passava de uma secretária», recordou Mary, «e não entendia porque aquilo era tão importante para mim.»

«Mas Mary continuou feliz no seu caminho e não deixou o trabalho», contou-me Dan. «Nem mesmo agora posso dizer que gosto da idéia, mas também vejo o lado bom. O que interessa é que Mary gosta de trabalhar.»

Muitas mulheres trabalham por necessidade econômica, mas certamente não todas, e muitas sentem mais respeito por si próprias em resultado disso.

No entanto, sempre que ouço falar de uma mulher, geralmente de

meia-idade, que espera que o marido aceite – e até aprove com entusiasmo – sua repentina emancipação, depois de longos anos de comportamento estereotipado de mulher casada, sinto-me tentada a sugerir uma pequena troca de papéis. Por exemplo, suponha que seu marido lhe diga: «Estou cansado de sustentar minha família. Trabalho há 25 anos e agora resolvi ficar em casa, quem vai sustentar-me é você.»

Mesmo que você possuísse qualificações profissionais para se empregar, seria capaz de mudar de marcha e concordar de imediato? Está segura de que poderia até desejá-lo? E se você fosse incapaz de mudar de papel ou não quisesse fazê-lo? Seria justo exigir tal habilidade por parte de seu marido? Os tempos estão mudando, mas os maridos tradicionais não podem abandonar súbita e completamente seus velhos hábitos. Nem o podem as mulheres tradicionais, mesmo aquelas que dizem querer fazê-lo.

Bea deseja «encontrar-se a si mesma», mas ela tanto é vítima de sua própria insegurança como das exigências de sua família. Dificilmente se esquecem as normas que nos inculcam na primeira infância e Bea tem de aprender a libertar-se.

Ela está principiando. Por cima de sua mesa de cabeceira há pendurada uma citação de Shakespeare: «A culpa, querido Brutus, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos.» Ela consultou uma organização pertencente à Associação



Cristã de Moças local, e que se dedica a auxiliar as mulheres a descobrirem seus talentos e um trabalho adequado. Em vez de se ver a si mesma como «apenas uma dona-de-casa», Bea está aprendendo a respeitar sua experiência e jeito para organização e administração, assim como sua habilidade em relações interpessoais.

Embora haja regras para uma mulher que deseje emancipar-se e continuar casada – quatro princípios básicos podem ajudar:

1. *É possível tornar uma mulher autoconfiante e capaz, mas fazer dela uma supermulher não é um objetivo nem desejável nem possível de atingir.* Precisar e ser necessário é parte daquilo que nos faz humanos, e, quando há equilíbrio entre essas duas coisas, elas estão psicologicamente corretas.

2. *Para você se tornar uma mulher emancipada, não tem de proceder como pensa que um homem agiria, segundo os velhos padrões estereotipados.* Você

como pessoa se sentirá diminuída se cometer o erro de abandonar qualidades como sua sensibilidade e sua compaixão, só porque vêm elas tradicionalmente sendo consideradas «femininas». Mais que isso, elas são características humanas.

3. *Emancipar-se significa tornar-se livre para escolher o modo de viver sua vida como mulher, sem impedimentos de sexo preestabelecidos pelo fato de ser mulher.* Você pode escolher tudo o que quer fazer, inclusive o trabalho doméstico ou até mesmo a exploração espacial. Poderá realizar qualquer coisa, contanto que tenha sido livre e conscientemente escolhida por você.

4. *Estar casada significa mostrar sensibilidade para com as esperanças, temores, alegrias e infortúnios de seu marido, assim como para com as suas próprias.* Para uma mulher se emancipar, o homem e o casamento precisam também de se libertar. Os casamentos feitos nas alturas têm que realizar-se é na Terra.



PERGUNTE a alguém em que ano começou o século xx, e verá que há muitas probabilidades de que responda que foi no ano de 1900. Essa resposta é errada; o século xx começou no ano de 1901. Os séculos terminam em zero e começam em um. O *New York Times* de 1.º de janeiro de 1901 trazia a seguinte manchete: ENTRADA TRIUNFANTE DO SÉCULO XX. «O século morreu – viva o século!» dizia o início do artigo. «Ontem era o xix, hoje é o xx. Em dado momento, na noite passada, um morreu e o outro nasceu.»

Economistas, políticos, urbanistas, agrônomos e cientistas – todos falam do ano 2000 erroneamente convencidos de que o século xxi irá começar nesse ano. Uma das poucas pessoas que parecem estar dentro do assunto foi a que deu o título ao filme: 2001 – Uma Odisséia no Espaço.